

Reumatologia brasileira precursores e pioneiros

Geraldo W.S. Gonçalves*

Costuma-se afirmar que, por trás dos grandes homens, há sempre grandes mulheres. Mas dever-se-á acrescentar a presença de grandes mestres, em quaisquer dos campos, a apoiar, incentivar e orientar.

Assim tenho constatado da feita de "Reumatologia Brasileira - Precursores e Pioneiros"; desde o início de minhas pesquisas, venho identificando aquelas figuras tutelares, por mim eleitas "patronos", na retaguarda dos que são objeto de meu modesto trabalho.

Desde o "primeiro precursor" - Maximiano Antônio de Lemos - que redigi a primeira "tese" sobre assunto de minhas cogitações: Reumatismo Articular Agudo, defendida aquela no ano de 1838, quando da primeira turma de "Médicos plenos", da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E coube ao Conselheiro Professor Doutor Manoel Valadão Pimentel, Barão de Petrópolis, Lente Catedrático de Clínica Interna e Anatomia Patológica respectiva, sugerir o assunto e orientar aquela dissertação, em seu Serviço da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. E assim se refere Lemos, na sua apresentação: "Foi o ilustre mestre que me deu educação médica e a tese toda obra sua".

O presente capítulo salta mais de um século; ao ser dedicado a insigne reumatologista paulista, "princeps" entre os pioneiros de sua especialidade, em todo o Brasil: CASTOR JORDÃO COBRA. Mas para abordar-lhes os dados biográficos e fixar sua extraordinária atuação na implantação daqueles, cabe-me o dever de enfatizar duas personalidades da maior importância na esteira de seu trabalho pioneiro; se bem que o faça até de maneira perfunctória, limitando-me ao essencial, ainda que no dispor de esplêndidas biografias, tecidas por este benemérito da história da medicina brasileira e de "seus grandes vultos": o Professor Carlos da Silva Lacaz.

Por precedência, início enfocando o Professor Doutor Cantídio de Moura Campos; nascido em Botucatu (SP) a 21 de outubro de 1889, dele seria conterrâneo meu mui querido amigo e colega de turma (FNM, 1944), já falecido, Luiz Peres, já aposentado como Professor Titular de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina de sua cidade natal.

O então menino Cantídio fez estudos primários na mesma Botucatu e em São Manuel, deslocando-se a Jacaré, para, no Ginásio Nogueira Gama, perfazer seus "estudos secundários". Foi na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, meta maior dos que então aspiravam a graduar-se médicos, recebendo diploma e cadelou, em 1912; foram seus colegas de turma Aguiar Pupo e Almeida Prado; e, mestre maior da Clínica Médica, o inesquecível Miguel Pereira.

Sua marcante carreira no magistério teve início ainda como "Preparador de Fisiologia", para atingir a Cátedra logo, em 1928,

com apenas 39 anos - agora na instituição a que deu tanto brilho, a Faculdade de Medicina de São Paulo; desde então, toda sua vida foi especialmente dedicada à grande instituição; e, em seu Hospital das Clínicas, faleceu aos 83 anos, a 28 de abril de 1972.

Cercado deveria estar por aqueles de quem foi mestre e líder por muitos anos, alçado que havia sido, por várias vezes, e por eleição, Chefe do Corpo Clínico de seu querido Hospital das Clínicas, função que exercia ao par da Cátedra de Terapêutica Clínica, de que era Titular.

Funções públicas também exerceu, na própria Universidade, como Vice-Reitor, várias vezes no "exercício de Reitor", por impedimento do efetivo Professor Reinaldo Porchat; além do quê, foi Secretário de Educação, no governo do grande paulista, Dr. Armando Salles de Oliveira.

Sua vida associativa foi das mais ricas, havendo sido Presidente da Academia de Medicina de São Paulo, das melhores tradições.

É Lacaz que lembra: "Ofereceu sempre oportunidade aos jovens para progredirem em sua carreira médica". Do que boa mostra foi o acolhimento e o apoio dados a Castor Jordão Cobra, ainda bem jovem, mas com sua meta bem definida de implantar a Reumatologia, novel especialidade criada em 1934, nos Estados Unidos, por Bernard Comroe; e era necessário dar-lhe crédito e retirá-la de mãos pouco escrupulosas que faziam do sofrimento do reumático motivo para práticas charlatanescas, tendo em vista a pobreza terapêutica de então. Apoio e incentivo não lhe faltaram por parte de Cantídio de Moura Campos, com detalhes que à frente nos referiremos.

Eis que se quebra o importante elo, com a abolição da Cátedra de Terapêutica Clínica, absorvida a matéria pela de Clínica Médica.

Outro Patrono teria Cobra que buscar; mas logo o conseguiu sob o pálio de outro grande Mestre, o Professor Francisco Elias de Godoy Moreira, que o acolheu em seu Instituto de Ortopedia e Traumatologia.

Nasceu Godoy Moreira a 8 de novembro de 1899, na cidade de Itatiba (SP); alfabetizado pela dedicada mãe - é também Lacaz que nos conta - iniciou seu curso primário no Grupo Escolar de Murungaba, terminando-o no de Atibaia. O Curso Secundário o fez no Colégio Arquidiocesano dos "Irmãos Maristas", em São Paulo, capital.

Graduar-se-ia em Medicina em março de 1923, pela ainda Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo; dedicou-se, desde cedo, à Ortopedia; e, logo em abril do mesmo ano, viajou para a Europa, realizando numerosos cursos, em Berlim, Bolonha - com o grande Vittorio Putti; além de visitar hospitais em Viena, Paris, Londres e Estados Unidos.

De volta ao Brasil, o recebeu de braços abertos o grande pioneiro da especialidade em São Paulo, o Pro-



fessor Rezende Puech, então Catedrático da que ainda se chamava "Clínica Ortopédica e Cirurgia Infantil"; Assistente do Mestre tornou-se, a partir de 11 de junho de 1925, na sede da Cátedra, o Pavilhão Fernandinho Simonsen, da vetusta Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Conquistando a Docência Livre em 1938, memorável concurso público o alçaria à cátedra em 1939; sua Tese - Indicações dos transplantes ósseos em cirurgia ortopédica - "assunto de vanguarda" para a época, mereceu todas as laúreas.

Recebeu-o na Congregação aquele que foi seu mestre - e de quantas gerações de então e que se seguiram - Celestino Bouroul, aquele nome que dispensa adjetivos.

Tinha Godoy Moreira outra portentosa meta, que seu prestígio de grande médico, professor de medicina e cidadão ímpar havia de carrear apoios poderosos para concretizá-la; a meta, o Instituto de Ortopedia e Traumatologia; os apoios, as autoridades universitárias e estaduais de São Paulo, como de Fernando Costa, então Ministro da Fazenda de Getúlio Vargas e despróprio. Um final feliz, a inauguração do majestoso prédio em 31 de julho de 1953.

Tornar-se-ia logo, a novel instituição, centro de excelência para quantos, do Brasil e do Estrangeiro, desejavam adquirir ou reciclar novos conhecimentos e técnicas naquelas especialidades. Do Ceará, dois em especial, lá se "abeberaram" para voltar ao Ceará, se tornarem pioneiros da Ortopedia e da Traumatologia; José Gomes da Frota, que, recém-falecido, deixou escola em mais de uma matéria da especialidade; e João Estanislau Façanha, logo depois, em 1950, implantando na Cátedra respectiva na Faculdade de Medicina, que fundada em 1948, logo a partir de 1954, integraria a, hoje, Universidade Federal do Ceará.

O saudoso e inesquecível Mestre faleceu em 6 de janeiro de 1987, deixando mais de uma geração de discípulos e continuadores, com destaque especial para o Professor Doutor Flávio Pires de Camargo, que o substituiu na cátedra.

Eis, em resúmidas palavras, os

esteios de nosso pioneiro Castor Jordão Cobra, aos quais bem correspondeu, firmando fortes raízes para uma nova fase da Reumatologia Paulista.

Nasceu Cobra em São Paulo-Capital, cerca de 1920, graduando-se em 1942 pela Faculdade de Medicina de São Paulo (USP); engajando-se na Cátedra de Terapêutica, onde se iniciara como Interno, logo, na qualidade de Assistente, recebeu de Mestre Cantídio o "sim" para instalar a "primeira enfermaria de Reumatologia em todo o Brasil".

Com a reforma do ensino médico na Universidade de São Paulo, abolida foi a cátedra de Terapêutica Clínica, absorvida pela Clínica Médica, como já atrás assinalado. Mas a Cobra, já por seu trabalho a render dividendos e merecendo crédito, não lhe faltou "teto e alento", pois foi logo acolhido por Godoy Moreira, criando em seu "Instituto" a Seção de Reumatologia e entregando a Cobra para dela cuidar.

Além da sua ação localizada no seu "serviço", Cobra houve por bem iniciar vigoroso programa de divulgação da especialidade, cabendo-lhe a iniciativa de organizar e realizar o "Primeiro Curso de Reumatologia" do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo.

Tais cursos se repetiram anualmente, sob a forma de "Extensão Universitária", antes que a matéria fosse implantada no "Currículo". Mas tomariam dimensões nacionais, quando passaram a atividade permanente da "Sociedade Paulista de Reumatologia", fundada a 24 de agosto de 1953; lembre-se o trabalho de Waldemar Bianchi e Israel Bonomo, do Rio de Janeiro; aquele havia fundado a Sociedade Brasileira de Reumatologia, em 1949; e, na busca da instalação de congêneres estaduais, pede o concurso de Bonomo para ir a São Paulo e motivar aqueles que, sabidamente, já ali exercitavam a especialidade, como Cobra, Gil Spilborghs, Flerts Nebô, o saudoso Roberto Taliberti e tantos outros pioneiros.

A idéia, fácil e naturalmente frutificou; e, assim, seria criada, na data acima, a primeira entidade regional da especialidade, já que a "brasileira" era de âmbito nacional; e só depois seria fundada a Sociedade de Reumatologia do Rio de Janeiro.

Castor tomou-se seu primeiro presidente, proclamando pioneiro mais jovem Hernany d'Auna, recém-formado, para editar o órgão oficial da entidade, "Folha Reumatológica de São Paulo". Em seu primeiro número foi estampado, em primeira página, trabalho de Cobra, que se tornou clássico, sobre gota úrica, tornando bem claros os diversos aspectos clínicos, patogênicos e terapêuticos da afeição, até então toda como pouco frequente.

Na verdade, este assunto muito deve a Cobra, no seu estudo e na sua divulgação, em São Paulo e em todo o Brasil; assim, de "doença rara" passou a ser melhor conhecida, diagnosticada com a frequência devida, e tratada em esquemas terapêuticos modernos e bem sucedidos.

Membro da Sociedade Brasileira de Reumatologia, desde seus primeiros momentos, marcou sua presença no I Congresso Brasileiro da Especialidade, que foi também o I Congresso Pan-Americano, realizado no Rio e em São Paulo, em agosto de 1955; foi nosso biografado distinguido como Relator Oficial de importante Tema, qual seja, "Etiopatogenia da Artrite Reumatóide"; e compareceu ainda, com seu fiel escudeiro D'Auria, na apresentação de dois "temas livres": Estudos da Prednisona (recém-lançada), Sorodiagnóstico da Artrite Reumatóide e "Efeitos hematológicos do Irgapirin", assunto este de particular pioneirismo.

Não mais faltou Cobra a todos os congressos, reuniões, simpósios etc., realizados em São Paulo, no Brasil e no Estrangeiro, o mais das vezes convidado para relatar ou debater importantes matérias, sempre se sobressaindo.

Sua ascendência à presidência da Sociedade Brasileira de Reumatologia deveria ter sido corolário de toda uma vida dedicada, e com o maior brilho, à especialidade; de uma injustiça do destino, pode-se dizer; mas, o mais verdadeiro, provocada - a injustiça - pela ansiedade dos mais jovens, que bem poderiam esperar mais um pouco...

Cobra foi também um lutador pela melhoria do Ensino Médico Brasileiro, sendo membro ativo da ABEM, então Associação Brasileira de Escolas Médicas, comparando regularmente às suas reuniões, em diversas capitais brasileiras; e, na prática, observou sempre suas convicções, na Universidade de São Paulo, como na de Mogi das Cruzes, onde também inaugurou o ensino da Reumatologia, como Titular da disciplina respectiva, do Departamento de Medicina Interna.

Foi nosso biografado um autêntico especialista brasileiro; sem ostentar um "rol" de cursos no exterior; pelo contrário, lá sendo ouvido por seu saber, consubstanciado na observação de seus pacientes e no permanente estudo de suas mazelas, as enfermidades reumáticas.

Homem sério e sisudo, de poucos sorrisos, tinha, no entanto, grande coração para discípulos, pacientes e amigos, qualidade que nunca poderá faltar a um grande médico; coube-me a honra de merecer sua amizade, tendo em mim admirador incondicional; sua figura circunspecta, mas profundamente humana, guardo na memória com grande saudade.

Faleceu ainda bem moço, em janeiro de 1984, quando muito ainda poderia produzir e transmitir à sua legião de discípulos e admiradores; e, entre eles, um filho, homônimo, que vem procurando trilhar o mesmo digno caminho.

Com merecimento indiscutível, foi escolhido para Patrono e Primeiro Membro Titular na Cadeira nº 13, da Academia Brasileira de Reumatologia, que o imortalizará para coevos e pósteros. *Geraldo W.S. Gonçalves é médico, presidente da Academia Cearense de Letras.

DR. SEBASTIÃO DE CAMARGO CALAZANS

Deixou-nos o último pioneiro. Pioneiro, pois formou-se na Primeira Turma da então Escola de Medicina e Cirurgia de São Paulo (Casa de Arnaldo), atual Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, no ano de 1918.

Último, pois era o seu único representante vivo. Deixou-nos em 16.02.94, com 101 anos.

Vivemos um período sem memória, sem tradição, a medicina

cada vez mais depende de máquinas em detrimento do fator humano.

Lembremos então quem foi Calazans.

Nascido em 2 de novembro de 1892 (dia da finados) em Paraibuna, filho de João Elias Calazans e Maria Francisca

Camargo Calazans. Em 1913 ingressou na Faculdade de Medicina da Capital Federal (Rio de Janeiro), onde concluiu o 1º ano. Transferiu-se para São Paulo, para a Escola de Medicina de São Paulo, na qual concluiu o curso em 1918, Primeira Turma. Sua Tese de Doutorado, "A Escarlatina em São Paulo", foi aprovada com distinção.

Foi interno acadêmico no Hospital da Força Pública e no Hospital de Isolamento de São Paulo (1916-1918).

Em 1919 foi inspetor sanitário interino, tendo sido efetivado no mesmo ano por concurso. Neste

mesmo ano foi nomeado assistente do Instituto Bacteriológico.

Comissionado pelo Governo e a convite da Missão Rockefeller esteve por dois anos nos Estados Unidos estudando Higiene, Bacteriologia, Imunologia e Organização de Laboratórios de Saúde Pública. Frequentou o Departamento de Higiene e Medicina Preventiva da Universidade de Harvard e os Laboratórios de Saúde Pública de Boston, Albany, Nova York e Washington.

Ao retornar foi nomeado Diretor dos Institutos Bacteriológico e Vacinogênico. Em 1923, a convite do Prof. Leitão da Cunha, foi relator do tema "abastecimento higiênico do leite", no 1º Congresso de Higiene.

Em 1925 foi nomeado Assistente no Instituto Butantã. Em 1926 o então diretor do Instituto, Dr. Vital Brasil, o comissionou para organizar um porto bacteriológico na cidade de Santos. Preparou, pela primeira vez no País, os soros anti-escarlatinoso e antigangrenoso.

Em 1927, a convite do Governo do Rio Grande do Sul foi dirigir e reorganizar o Instituto de Higiene Borges de Medeiros, onde ficou por 3 anos. Neste período conheceu Dona Eulalia Mendonça de Souza, com qual se casou e teve sete filhos: Ana Alice, Oswaldo, Carlos, Henrique, Luiz Felipe, Ana Maria e Ana Lucia.

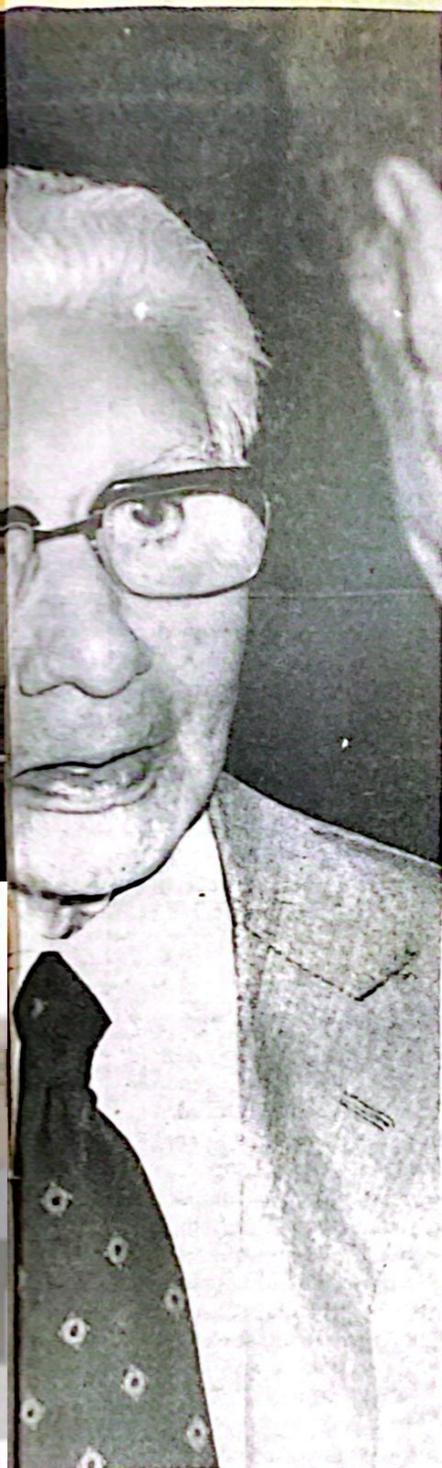
Em 1931 foi removido para o Instituto Bacteriológico e a partir daí foi sucessivamente: Assistente Chefe da Seção de Bacteriologia Experimental e Bacteriopatía do Instituto Butantã, Diretor Geral do

Serviço Sanitário e do Instituto Adolfo Lutz, membro do Conselho Técnico Administrativo do Instituto Butantã, Diretor dos Laboratórios Regionais do Instituto Adolfo Lutz.

Publicou inúmeros trabalhos aqui e no exterior como: "Septicemia por Escarlatina", "Meningite Tífica", "Botulismo", "Febre Tifóide", "Linha Vacínica", "Infecções Anaeróbicas", "Soros Aglutinantes", "Laboratórios de Saúde Pública", "Esquistossomose Experimental em Carneiros" etc.

Produziu o Soro Antitético com a maior dosagem antitóxica por centímetro cúbico que o mundo





conhece ainda hoje, suplantando o Instituto Pasteur em Paris e os norte-americanos.

Na época da Segunda Guerra Mundial transformou a vacina tríplice (que era aplicada nos soldados) em vacina quádrupla, reforçada em sua ação pelos agentes que combatem o tétano com a idéia genial de suspender os genes mortos da vacina tríplice (tífica A e B e da febre aftosa) em suspensão da solução de vacina antitetânica ao invés de soro fisiológico.

Recentemente entrevistado, por nossa sugestão, pelo Jornal do Conselho Regional de Medicina,

declarou que sempre foi sanitarista, pois suas ações poderiam auxiliar várias pessoas ao mesmo tempo.

Construiu sua vida sempre como funcionário público.

Homem pobre, honesto (virtude esta tão rara nos dias atuais), trabalhador, religioso.

Amou sua profissão e sua família de modo particularmente belo.

Seus filhos homens levaram os nomes de médicos famosos, com os quais teve a honra e o privilégio de conviver.

Quando completou 100 anos, a missa em sua homenagem (celebrada por um sobrinho e um filho que abraçaram a vocação religiosa) foi ornamentada por rosas vermelhas. No ofertório, 100 rosas vermelhas foram depositadas por 100 pessoas escolhidas pela família, uma para cada ano de sua vida.

Fez do amor à profissão e à família a mola propulsora de sua vida.

Mantinha-se atualizado e lendo sempre que suas vistas permitiam.

Sugeriu recentemente que se estudasse a AIDS em animais neonatos (pois o sistema imunológico ainda não está totalmente formado) de experimentação.

Nas poucas vezes em que tive o privilégio de conversar com o Dr. Calazans, aprendi muito.

Era gostoso ouvir o Dr. Calazans contar suas memórias, "causos", e histórias de médico de outrora.

Refere-se aos grandes mestres, como: o Arnaldo, o Ribas, o Lutz etc.

Sobre a febre amarela recordava que Lutz ("um sujeito extraordinário") chegara à conclusão de que o agente

transmissor era um mosquito e não transmissão direta (isto 4 anos antes dos cariocas, em 1886).

"Lutz criou mosquitos virgens e mandou-os para São Simão, onde estavam os doentes, e trouxe-os de volta, deixando-se inocular juntamente com o Ribas; não morreram por sorte, ou porque já tinham resistência ou porque os vírus já estavam enfraquecidos."

"O Arnaldo morreu por uma simples angina."

Não mais teremos o prazer de ouvir de sua própria voz estes relatos.

Foi-se o Último Pioneiro.

A testemunha ocular da medicina paulista deixou-nos.

Fica a saudade.

Fica o respeito

Fica a

admiração.

Admiração que estendemos a sua esposa, dona Eulalia (carinhosamente dona Lalá), pessoa espetacular que o acompanhou por 64 anos, na alegria e na tristeza, na pobreza e na fartura, na saúde e na doença.

Na medicina paulista um grande vácuo.

Nos médicos paulistas um grande exemplo.

Descanse em paz, Dr. Sebastião Camargo Calazans.

Sua missão o Sr. a cumpriu com louvor e distinção.

Luiz Cordovani Filho
Ex-Diretor Social da Associação Paulista de Medicina

“testemunha ocular da Medicina Paulista”

Na época da Segunda Guerra Mundial transformou a vacina tríplice (que era aplicada nos soldados) em vacina quádrupla



Um livro esquecido

Pedro Henrique Miranda Fonsêca*

Em abril de 1988, durante a Feira do Livro realizada na Cinelândia, encontrei em uma barraca de livros usados, empoeirada e jogada de lado, a obra "A superioridade do homem tropical", de autoria de Antonio da Silva Mello, editada pela Civilização Brasileira no ano de 1965.

Ao longo do livro, composto de dezenove capítulos, o autor vai demonstrando, com argumentos muito convincentes, como veremos, que a superioridade do homem tropical começa por ser ele o verdadeiro criador da humanidade, deixando um patrimônio biológico que permitiu a esta expandir-se para outras áreas, o que só veio a acontecer depois da dominação da tecnologia que permitiu ao homem enfrentar as regiões de climas frios. Descobrimos novas condições de existência, não se adaptou ao clima e ao ambiente, e sim encontrou recursos para vencê-los e dominá-los, sem sofrer modificações maiores em seu corpo, quer anatomico ou fisiologicamente.

Prossegue, citando o exemplo bíblico de Adão e Eva que andavam nus no paraíso; portanto, este maravilhoso jardim só poderia estar situado em região de clima quente. É, sem dúvida, um simbolismo impres-

sionante, uma vez que esta e muitas outras lendas da Bíblia são repetições de outras mais antigas.

Além disso, sob o ponto de vista anatomo-fisiológico, o ser humano não apresenta diferenças significativas, apesar de habitar as mais variadas regiões do globo, com climas os mais diversos.

Outro fator a favor da tese do livro é a distribuição dos povos morenos mais primitivos, que se estendem em uma cintura desde a Índia até a Espanha, abrangendo todos os povos de cultura neolítica que se tornaram os pioneiros da civilização.

O recém-nascido humano tem um passado tão tropical, que, deixado sem alimentos ao nascer, sobrevive por muito menor espaço de tempo ao frio do que o fará em ambiente aquecido.

Estudos sorológicos e cromossômicos têm demonstrado que o homem tem mais aproximação com os macacos africanos e o gorila, o que, acrescentado às descobertas na África de restos antigos do homem primitivo, em sua ascensão vinda dos antropóides, vem reforçar a crença de que o verdadeiro berço da humanidade encontra-se ao sul deste continente.

A melhor resistência do ho-

mem tropical às treponematoses é ilustrativa para demonstrar a superior biologia deste.

Conclui, afinal, que o homem tropical, sendo o verdadeiro criador da humanidade, desenvolveu uma máquina biológica espantosa em sua contextura e função com um padrão quase homogêneo e de grande resistência. Graças a isso pôde emigrar para outras regiões da terra, fazendo, pelo seu progresso, que os climas se adaptassem artificialmente às suas necessidades.

Se no Brasil a cultura fosse uma das metas prioritárias, este livro teria merecido uma grande acolhida e até mesmo se providenciaria sua tradução para outras línguas, no intuito de levantar polémicas, o que certamente aconteceria, uma vez que o apregoado é ser a Europa a mentora da civilização e, infelizmente, o nosso país tem se comportado como posto avançado deste continente.

A obra do eminente Silva Mello vem desbancar esta posição, ou no mínimo abalá-la, com argumentos, ao meu ver, irrefutáveis.

Ainda há tempo!

* Pedro Henrique Miranda é médico e membro da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical.

Vida Cultural

O médico Edson Noel Urijar Consentino lançou interessante livro, "A Metamorfose", deliciosa história de ficção que narra fatos que ocorreram numa cidade do interior de São Paulo, Catanduva, entre os anos de 1970, 1971, numa república de estudantes, que se envolvem em inusitadas situações. Os fatos são escritos em linguagem clara e fluente, conseguindo prender a atenção do leitor do começo ao fim do livro.



A Companhia Editora Nacional anuncia a obra "O Artista Delret e o Brasil", de autoria de João Fernando de Almeida Prado, mais conhecido como Yan de Almeida Prado. A obra é pedagógica. O autor, se fosse vivo, estaria com 95 anos de idade, e, durante sua vida laboriosa e fecunda, escreveu vários livros sobre a história do Brasil. Grande conhecedor e amante das artes plásticas, para restabelecer a verdade do evento modernista de 22, escreveu "A Grande Semana da Arte Moderna", de cujo movimento participou. No livro "Delret e o Brasil", Yan estuda Jean Baptista Delret, nome de relevo na missão francesa unida no tempo de D. João VI.



A Editora Agora acaba de lançar a obra "Desfazendo Mitos", de Sandra Segal, cujo conteúdo aborda sexualidade e câncer, ou ainda, como as pessoas que têm câncer lidam com sua sexualidade, quais as dúvidas, como será a sua vida sexual e outras questões pertinentes ao tema. Propõe-se a autora a orientar a vida sexual daquele que se vê vitimado pelo câncer, muitas vezes limitada em múltiplos aspectos, físicos e afetivos, os quais aborda de forma clara, direta, auxiliando, assim, a retomada da auto-estima pelo paciente e, conseqüentemente, melhorando a atividade sexual.



O grande historiador brasileiro Isaac Grimberg há pouco escreveu e publicou seu 10º livro: "Mogi das Cruzes do Meu Tempo". Obra de invulgar beleza, a retratar e fixar para os tempos que hão de vir a Mogi das Cruzes dos anos 20, 30, 40, páginas transbordantes de fatos históricos, passagens pitorescas, que muito sensibilizam o leitor, do começo ao fim do livro. Roupas de Homem, Frutas, A Água da Biquinha, Brasileiros e Estrangeiros, Carnaval, Médicos, Farmacêuticos, Promessas de Campanha e muitos outros títulos compõem a preciosa obra de eurição e cultura.

G.A.P.

A quinta dimensão

Henrique Basano

A quinta dimensão existe. É sensível nas manifestações individuais e coletivas...
No conjunto das ações e reações...
É uma onda vibratória de comprimento variável, cuja intensidade é proporcional à evolução espiritual de cada um...
Há milênios que evolui nas diferenciações biológicas, aparentemente imponderável
A amplitude é dada pelo comportamento moral dos homens...
oscila com o psiquismo desordenado e patológico da humanidade expande-se no amor e desaparece no ódio.
Na criança se encontra na forma latente no místico e no santo a hipertrofia é total.
O livre arbítrio à sua energia propulsora.
A quinta dimensão existe. É uma força centrípeta, sua absorção está condicionada ao bem e ao mal, que se encontram dentro de nós mesmos; ampliando, diminuindo ou anulando, a frequência desta onda vibratória que se chama consciência!!!